

# O Vodou no universo simbólico haitiano\*

## *Voodoo in the Haitian symbolic universe*

### Resumo

O objetivo deste artigo é caracterizar o Vodou na cultura haitiana, situando-o no universo simbólico deste povo enquanto experiência individual e coletiva. A opção pela temática justifica-se pela necessidade de discutir e desmitificar os pré-conceitos que tem sofrido e continua sofrendo por não conhecer a verdadeira essência desta religião, expressão profunda do Haiti, primeira república negra que se tornou livre da metrópole francesa em 1804. Percorrem-se alguns fundamentos do Vodou, assim como sua origem e seu vínculo com a mãe natureza; descreve-se como o Vodou se organiza enquanto espaço cultural e religioso, suas finalidades e seu significado para o povo haitiano, tanto na sua concepção original quanto na atualidade.

**Palavras-chave:** Haiti. Aspecto Cultural. Vodou. Religião.

### Abstract

This paper discusses the role of voodoo in Haitian culture, understand it since the people's symbolic universe as individual and collective experience. The choice of subject is justified by the need to discuss and demystify the misunderstood that voodoo has suffered. The true essence of this religion is the deep expression of Haitian people since black Revolution in 1804. We discuss some essentials categories of voodoo, as well as its origin and bond with nature. Also describes voodoo as organized and cultural religion as well its significance for the Haitian people, both in its original conception as today.

**Keywords:** Haiti. Cultural aspect. Voodoo. Religion.

Renel Prospere<sup>1</sup>  
Alfredo Martin Gentini<sup>2</sup>

---

\* Recebido em 30.04.2013

Aprovado em 25.05.2013

<sup>1</sup> Filósofo, Especialista em Educação, Mestre em Educação e em Educação Ambiental, Doutorando em Educação Ambiental no PPGEA/FURG. E-mail: rentinp@hotmail.com.

<sup>2</sup> Psicólogo, Doutor em Ciências da Educação, Professor Adjunto Curso de Psicologia e PPGEA Pós-Graduação em Educação Ambiental, FURG. E-mail: martingen@ibest.com.br.

## 1 Introdução

Neste trabalho seguiremos algumas orientações transdisciplinares para tentar esclarecer um tema complexo, simultaneamente antiqüíssimo e atual, religioso, ecológico e sócio-político: a prática religiosa do vodu no Haiti.

Appiah (1997) no capítulo “Velhos deuses, novos mundos”. da sua monumental obra *Na casa de meu pai*, mostra com todo rigor filosófico a importância de se fazer algumas distinções no que diz respeito à crença religiosa de um povo. Para ele, é fundamental compreender o conteúdo das crenças subentendidas nos atos de um exercício religioso: de um lado, entender de que forma essas crenças se constituíram na cultura. De outro, é necessário termos em mente pelo menos três dimensões diferentes e complementares:

- 1) Compreender o ritual e as crenças que lhe subjazem;
- 2) Entender sua gênese histórica;
- 3) Compreender as estruturas simbólicas que o sustenta.

Articularemos estes tópicos com alguns acontecimentos-chave da história haitiana que dão corpo a uma necessária perspectiva histórica do ritual vodu no Haiti.

## 2 A origem do Vodou

O termo Vodou originou-se na tradição religiosa teísta-animista, com raízes primárias entre os primeiros povos Fon-Ewe da África Ocidental. Encontra-se na ortografia beninense, no país atualmente chamado Benin, (antigo Reino do Daomé), assim como em outras ortografias foneticamente equivalentes do crioulo haitiano Vodou. A história e a tradição sobre o conceito “Vodu”, principalmente entre as tribos pertencentes à família linguística dos Fon, no Daomé e no Togo, o Vodou significa um Deus, um espírito e sua imagem. Os servidores das divindades são os hounsi (em Fon: hû, divindade em si, esposa); o sacerdote é o houngan, o “senhor do Deus”.

O Vodou, como ressalta Blanc,

não é apenas uma religião, é também um sistema de cuidados de saúde, incluindo a saúde

mental, que inclui práticas de cura, a promoção da saúde e prevenção de doenças e promoção do bem-estar coletivo e pessoal. (2010, p. 2) <sup>3</sup>.

Também representa a religião popular e sincrética do povo haitiano, cujos principais componentes são baseados nas crenças antigas das tribos do continente Africano aportadas no Caribe para o trabalho forçados nas plantações de cana-de-açúcar.

O Vodou constrói uma estreita ligação com a natureza, não no sentido de que a natureza é adorada, mas sim no sentido de que os fiéis acreditam que o homem está profundamente inserido nela, tornando-se um microcosmo a partir do qual o mundo inteiro pode ser lido e desde onde a teia de significados da cultura constrói todos os seus sentidos (GEERTZ, 1989).

Há uma hierarquia das forças e dos seres, em que tudo está incluído: os deuses, animais, plantas e minerais. Os praticantes da religião Vodou acreditam profundamente na existência dos seres espirituais que vivem na natureza.

Conforme o antropólogo e teólogo haitiano Laënnec Hurbon (1987), o culto do Vodou na cultura haitiana está na base do desejo do haitiano de reportar-se ao lugar em que os acontecimentos e o sentido das coisas têm explicação e não devem ser separadas no seu próprio universo simbólico. Assim, do ponto de vista hermenêutico, os haitianos estão sempre em busca de recompor na atualidade, a ruptura histórica com a África perdida de seus antepassados (HURBON, 1987).

Sabemos que uma boa parte da África foi dividida e parte de seus povos transplantados para as Américas, de tal maneira que há parte de tradições fragmentadas de várias etnias africanas presentes no continente americano. O registro da continuação da África nas três Américas está longe de ser exaustivo. No entanto, notamos que os laços culturais africanos conseguiram manter-se, apesar da dispersão e miscigenação cultural e étnica. Mesmo assim, muitos africanos puderam, ao mesmo tempo, viver uma fenomenologia dividida entre a adaptação à cultura ocidental, às religiões impostas pelas civilizações escravagistas portuguesa, espanhola, anglo-saxã e francesa, e as religiões de matriz africana relativas ao seu pertencimento étnico (HURBON, 1987).

<sup>3</sup> Tradução dos autores.

[...] de qualquer modo, a África está tão presente na América que já se pode falar na existência de três Américas: a branca, a índia e a negra. Na América do Norte, por exemplo, pode-se encontrar nas ilhas Gullah e da Virgínia a predominância das culturas *Fanti-Ashanti*; em Nova Orleans predomina a cultura do *Daomé* e *Bantu*; na América Central, a Cultura Ioruba; no Haiti e norte do Brasil, a do *Daomé (Fon)*; na Jamaica, nas ilhas Barbados e em Santa Lúcia encontra-se a cultura dos *Kromonti* da Costa do Ouro; nas Guianas holandesa e francesa, *Fanti-Ashanti* (HURBON, 1987, p.65).

É importante salientarmos que esse processo de escravidão ficou definitivamente marcado na memória da diáspora negra das Américas. Esse processo significa, para muitos negros, ruptura, abalo e, às vezes transformava-se em uma espécie de pesadelo na consciência dos afro-americanos, nos termos propostos por Frantz Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), cuja alienação imposta aos negros que vivem no mundo dos brancos faz surgir inúmeras patologias sociais e *mimesis* identitárias (TAUSSIG, 1993). Sem dúvida, um dos do processo da escravidão consistiu na alienação cultural, religiosa e étnica dos negros. Assim, proibiam-se os cultos africanos e os escravos eram forçados a aceitar o cristianismo através do batismo. Diante dessa conjuntura, ressalta-se que, antes de tudo, o Vodou Haitiano simbolizava a resistência africana diante do sistema escravagista branco.

[...] Essa resistência se fez justamente sobre a base das crenças antepassadas. Desde os navios negreiros, pelo suicídio, pela greve de fome, pela recusa de medicamentos, o vento da revolta começou a soprar: os negros deixavam os corpos aos brancos e iam reunir-se no mundo de seus avós. Não vamos levantar o número das rebeliões registradas desde o início do tráfico. Nosso objetivo agora é simplesmente recordar como o Vodou foi à primeira forma de resistência contra a escravidão. Os historiadores costumam designar pelo termo *Marronage* (os Quilombos brasileiros) a fuga dos escravos das plantações de cana e oficinas, para lugares inacessíveis onde reconstituíam a solidariedade étnica, recriavam suas tradições antepassadas e redescobriam a unidade espiritual para melhor afrontar os senhores brancos. É aí, nessas comunidades de resistência, que se constrói a consciência da autonomia política e cultural dos escravos. Nessa época, o Vodou é a religião que realiza a coesão dos escravos, impelindo-os à luta contra o domínio dos brancos (HURBON, 1987, p.67).

Conforme a citação acima, podemos afirmar que o Vodou apresenta-se como uma resposta à exploração do cativo, em relação ao poder imperialista, que se expan-

dia pela dominação social, cultural e econômica dos colonizadores da época, Dessa forma, o vodou deve ser interpretado como uma forma de resistência dos escravos em relação aos senhores. Na verdade, a prática do Vodou nas colônias, significava, desde cedo, uma linguagem própria, mediante a tomada de consciência da diferença que existia entre o mundo dos oprimidos (escravos) e dos opressores (senhores).

Não podemos falar sobre Vodou haitiano sem mencionar o famoso nome do *Makandal*, escravo originário da Guiné. Este, em 1757, assumiu o comando de um bando fugitivo, utilizou a crença do Vodou como compromisso e cultivou em seus seguidores a convicção de que, para sair da escravidão, era necessário um engajamento político mediante um pacto de confiança absoluta e ética que estrutura o Vodou. Até hoje, a figura do *Makandal* é venerada como um profeta no Haiti.

[...] 1791: uma cerimônia do Vodou, célebre na história do país, representou o engajamento definitivo dos negros na luta pela independência. Nessa ocasião, foi selado pacto de sangue pelo qual os escravos comprometiam-se a exterminar os brancos e a criar uma comunidade autônoma (HURBON, 1987, p. 69).

Outro nome importante na história do Haiti é o de Dutty Boukman, o personagem que organizou a histórica cerimônia de Vodou junto com um grande número de escravos na noite de 14 de agosto de 1791. Um porco preto foi sacrificado e os assistentes beberam o sangue para se tornar invulneráveis, para que pudessem, na noite de 22 de agosto de 1791, queimar as plantações e massacrar os colonizadores sem que nada lhes acontecesse. Durante dez dias, as planícies do norte estiveram em chamas, cerca de 160 usinas de açúcar e centenas de plantações de café foram queimadas. Na história do Haiti, essa cerimônia, chamada “*Ceremonie du Bois-Caïman*”, é considerada o ato fundador da revolução e da guerra pela independência, a primeira grande revolta dos escravos contra o sistema da escravidão.

### 3 O Vodou como espaço cultural

É importante relembrar que a palavra “cultura” apareceu no final do século XI (do latim *colere, cuidado*), e designava o cuidado humano com a terra cultivável para produzir alimentos. Também foi sinônimo de agricultura, ao se reportar à prática de monocultura e de poli-

cultura. Permaneceu com esse sentido único até a metade do século XVI quando os humanistas da era do Renascimento lhe atribuíam sentido figurado, sinônimo de *espírito*. No século XVIII, os iluministas lhe atribuíram outros sentidos tais como, a educação e os costumes. Na mesma época, a palavra cultura começou a ser usada como sinônimo de Civilização, ligado ao sentido de progresso e evolução. No século XIX, a palavra cultura instalou-se definitivamente no ramo da antropologia. A concepção de adotamos neste artigo é a de Clifford Geertz, de acordo com a qual,

a cultura consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas, nos termos das quais as pessoas fazem certas coisas como sinais de conspiração e se aliam ou percebem os insultos e respondem a eles, não é mais do que dizer que esse é um fenômeno psicológico, uma característica da mente, da personalidade, da estrutura cognitiva de alguém (GEERTZ, 1989, p. 23).

Acreditamos que uma cultura é, antes de tudo, uma visão do mundo, uma cosmologia única. Assim, mais do que uma religião, o Vodou na cultura haitiana é, sem dúvida, o centro do universo simbólico do ser haitiano, de cada haitiana e da haitianidade como um todo. O vodou é o sistema integrado de princípios que rege a conduta humana. Pode-se também compreender o Vodou como um complexo místico de visão do mundo no qual seres humanos, natureza e todo o sistema intangível de crenças estão intimamente ligados. Não há nenhuma separação entre o sagrado e o temporal, entre sagrado e o profano, entre o material e o espiritual. Ademais, o Vodou não é somente um conjunto de elementos ou princípios espirituais, ele é um modo e uma filosofia de vida, um código de ética que regula o comportamento social dos seus adeptos.

Por isso mesmo, o Vodou não pode ser compreendido como uma coisa excêntrica, que causa somente admiração do exotismo quando percebido desde a perspectiva turística:

Se o Vodou representa um modo de adaptação original dos negros, mesmo assim é preciso vê-lo dentro do impulso geral de restauração de todo o sistema africano em função das condições novas que os negros encontrarão em seu novo país. No nível lingüístico, por exemplo, o encontro das línguas africanas com as línguas européias produzirá o crioulo, que é hoje a língua nacional no Haiti. Aí se encontra o vocabulário francês: o angevino, o de Poitou, o normando, etc., todos do século XVII. Há também elementos índios, espanhóis, ingleses. Mas é

preciso lembrar a dispersão dos grupos étnicos nas plantações obrigava os escravos a utilizar o vocabulário francês corrente, onde havia pobreza do vocabulário africano em crioulo. Em compensação, no domínio do sagrado, encontra-se importante vocabulário pertencente à família lingüística dos fon: Vodú=espírito, deus=*úsi* em fon: *ú* ou divindade, *si* = esposa; *govi* = cântaro; *asô*= brinquedo sagrado; *útc*= tambor; e os próprios nomes dos *Loas* etc. Graças às pesquisas sobre as línguas africanas feitas nos últimos anos, reconhece-se no crioulo base gramatical específica que lhe confere coesão e estatuto de língua (HURBON, 1987, p.72-3).

Assim, é importante ressaltar que o Vodou representa, de um lado, a expressão de relação de grupos que se opõem no Haiti: como religião e cultura por excelência das camadas populares, ele é visto e taxado pelas elites (CASIMIR, 2012; 2006) de superstição primitiva, ao mesmo tempo em que seus adeptos muitas vezes são explorados pelas classes dominantes. De outro lado, o Vodou representa aquilo que Bastide (1968) compreendia como a “dialeção do social” no sentido em que o Vodou é linguagem que reflete as situações locais e também da diáspora. Assim, todas as camadas exploradas da população haitiana tentarão descobrir “um lugar de invulnerabilidade” em relação à seus exploradores. Por isso, o Vodou pode ser considerado como um elemento crucial na formação da população haitiana, especialmente os camponeses, mas não somente, na luta contra a pobreza e a miséria. Vale a pena ressaltar que no Vodou pode-se encontrar uma experiência religiosa autêntica, uma linguagem culturalmente válida, na qual seus adeptos estão sempre neste contínuo movimento de compreender e dar sentido ao mundo e à existência da vida (HURBON, 1987).

#### 4 O Vodou como espaço religioso

A discussão a respeito do Vodou haitiano neste artigo revela-se de fundamental importância, porque tal prática para muitos representa um elemento crucial na formação cultural do povo haitiano, embora muitas vezes, seja mal interpretado e discriminado pelas próprias elites haitianas (CASIMIR, 2006), pelo fato de as elites não saberem e/ou não compreenderem sua importância na formação das massas que, mesmo após a rebelião negra e da luta anti-colonial não conseguiram ser alçadas da condição de miséria e exploração. É com essa pretensão que almejamos fazer uma abordagem dialéti-

ca<sup>4</sup> acerca desse termo. Por que uma abordagem dialética? Porque tentamos buscar um movimento de retorno acerca da história e da cultura haitiana nas suas relações conflituosas com a Igreja Católica. Por que a Igreja Católica? Pelo aspecto sincrético que faz parte do cotidiano do povo haitiano que é fundamental na formação desse país. Para tanto, não se pode falar da religião Vodou do Haiti sem nos referirmos à Igreja Católica Apostólica Romana. Ela decretou, na década de 40, uma campanha chamada anti-supersticiosa contra o Vodou, mas foi um fracasso, porque o Vodou voltou com tudo seu fervor pós-campanha em todo o território nacional. É importante ressaltar que a campanha anti-supersticiosa não desapareceu por completo no espírito da pequena elite haitiana e nem no conjunto do clero da Igreja Católica.

Queremos mostrar como a Igreja [Católica] confundiu muito cedo sua particularidade com a universalidade: fez-se de porta-voz de várias culturas e no caso da cultura ocidental, tentou impor aos negros descendentes africanos o Deus dos brancos e até uma alma branca. Em vez de libertar, acabou alienando. E não se deu conta que estava mergulhando em várias contradições com sua mensagem. A Igreja Católica no Haiti, de certa forma, perdeu-se em seus equívocos ideológicos, pois cometeu uma violência abominável contra o povo haitiano ao tentar desenraizá-lo de suas crenças e impor aos dominados a religião dos dominantes.

O grande escritor, psiquiatra, psicanalista e militante anti-colonialista Frantz Fanon, de origem martiniquense, escreveu:

Os comunicados triunfantes das missões informam, na realidade, sobre a importância dos fermentos de alienação introduzidos no seio do povo colonizado. Falo da religião cristã e ninguém tem o direito de se espantar. A Igreja nas colônias é uma Igreja de brancos, uma igreja de estrangeiros. Não chama o homem colonizado para a via de Deus, mas para a via de brancos, a via do portão, a via de opressor. E como sa-

bemos, neste negócio são muitos os chamados e poucos os escolhidos (FANON, 1968, p.31. *Apud* HURBON, 1987, p.15).

Nossa contribuição está na tentativa de propor uma abordagem que abra caminhos para uma nova compreensão, uma forma de enxergar os elementos do culto do Vodou, um sistema coerente de relações que corresponda ao universo do ser haitiano. Mas, queremos deixar bem claro que não pretendemos mostrar, neste item, somente a relação de perseguição sofrida pelos haitianos por parte da Igreja católica ao querer impor um deus branco aos negros daquela ilha. Propomos sim, mostrar como o Vodou no universo simbólico deste povo é visto e reconhecido como uma religião popular como qualquer outra, embora haja sua dimensão sincrética nos remeta à construção histórica do colonialismo e da escravidão nas Américas.

De acordo com Hurbon (1987), o Vodou, enquanto religião popular do povo haitiano, está cercado por vários poderes constituídos: pelo Estado, que usa o Vodou para consolidar seu poder, seu regime; pela Igreja Católica, que mantém uma postura de superioridade sobre o Vodou; pelo protestantismo, que rapidamente se espalha e busca permanentemente o controle das camadas mais pobres da sociedade e finalmente, pela elite e a burguesia local, dominadas pelas ideologias ocidentais. Todos eles vêm a religião popular do povo haitiano como um elemento primitivo, atrasado, condenado e ultrapassado no contexto moderno em que as opções políticas e religiosas remetem a uma escolha racional.

Desta forma, tudo isso nos leva a perguntar: o Vodou terá futuro ainda neste novo cenário ou sucumbirá às exigências de racionalidade científica (presente inclusive no universo religioso das religiões ocidentais)? Nos leva também a perguntar: a língua nativa haitiana, o kreyòl, a mais falada pela maioria da população, terá futuro?

Podemos afirmar que sim, falar a própria língua de certa forma já é uma possibilidade de sobrevivência. O Vodou não é, na sua essência, uma questão “subdesenvolvida”, mas deve ser entendido como uma forma de luta contra a angústia gerada pela empresa colonial, cuja solução está ao mesmo tempo nele e além dele mesmo. Está no nível de uma luta política a ser travada pelas camadas exploradas (especialmente os camponeses) do Haiti. No decorrer dessa batalha, aparecerão novas formas de ex-

<sup>4</sup> A origem da palavra é o grego *dialekein*, “argumentar” ou “conversar”; em Aristóteles (1947) e outros autores, esta palavra tem sentido de “argumentar para uma conclusão” “estabelecer por meio de argumento”. Após século XII, a dialética esteve cada vez mais associada às disputas formalizadas, praticadas nas universidades. Lembrando que Kant (1994) e Marx (2005), empregaram o método dialético do Hegel para gerar uma crítica interna da teoria e prática do capitalismo. (DICIONÁRIO DE FILOSOFIA DE CAMBRIDGE, 2006)

pressões populares, novas linhas de ação, novos sentidos para a cultura, sempre tendo como denominador comum a teia de significados que dá sentido à existência da religião vodu.

Mas o Vodou não é redutível a uma alienação puramente social e política. A meu ver, o processo revolucionário de resolução da alienação do povo haitiano fará aparecer os níveis de profundidade do universo do Vodou que não foram percebidos até agora em razão do seu complexo jogo de problemas sociais e políticos. É por aí que procuraremos elaborar mais adiante uma hermenêutica não redutiva do Vodou. E não poderemos partir para isso a não ser olhando o Vodou como mundo simbólico por excelência; é nessa pesquisa que o seu sentido se manifesta. No interior dessa pesquisa está presente o problema religioso, como também o problema de sua finitude histórica. Também os aspectos estéticos do Vodou, bem como seus princípios de classificação, de ordenamento dos domínios naturais e culturais não devem ser considerados puro folclore, podendo subsistir separadamente, já que as alienações econômicas, sociais e políticas podem ser resolvidas. Elas expressam uma experiência profunda da condição humana em sua finitude de ultrapassá-la. (HURBON, 1987, p.101)

O Vodou como um espaço religioso por excelência, precisa ser desmitificado de todo e qualquer tipo de preconceito que o coloca como algo puramente exótico, que desperta a curiosidade dos turistas. Ele deve ser entendido com culto individual, familiar e coletivo. É o lugar no qual os adeptos se esforçam constantemente para reencontrar a identidade arrancada e perdida com a África e todas as crenças cultivadas no interior dos grupos étnicos (BARTH, 1969). O esforço de reencontrar a mãe África manifesta-se através dessa religião, o apelo a essa terra mãe é justamente o grito abafado de diversas formas de protestos contra a opressão política, econômica e principalmente a miséria que assola a maioria da população haitiana.

## 5 O Vodou e sua ligação com a Natureza

Cabe ressaltar que o Vodou está intrinsecamente ligado ao meio ambiente, no qual tudo se integra em um processo contínuo na procura eterna de um equilíbrio harmonioso das forças existentes na natureza e da própria vida humana. Neste caso, os elementos da natureza como a água, o ar, o fogo, a terra, o vento, os trovões, os raios e as matas são elementos que fazem parte do meio ambiente e são necessários para o funcionamento e o equilíbrio

da natureza, os quais estão intimamente ligados com a própria religião Vodou.

Embora para muitos turistas, a cerimônia da prática do Vodou parece ser uma peça de teatro, uma dança semi-cômica, para seus adeptos, o culto significa a celebração continuada da unidade com a mãe natureza, uma oportunidade para recarregar a vitalidade e toda a energia que compõe a natureza.

Cabe ainda salientarmos as “oferendas”: o hábito praticado pelos nossos ancestrais ao colocar os trabalhos sobre as folhas de bananeira ou mamona em forma de banquete.

A oferenda de alimentos ocupa um o lugar central nas cerimônias. O *manzè Lwa*, por exemplo, consistem em alimentar os *Lwa* os quais, uma vez fortalecidos, podem transmitir suas forças aos fiéis. Estes tornam-se bem próximos dos *Lwa* quando se alimentam junto com eles na mesma cerimônia. Seria difícil fazer aqui uma apresentação minuciosa dos diversos tipos de *serviços* encontrada no Vodú. Eles são muito diferentes, conforme as regiões, as confrarias, os ritos (HURBON, 1987, p.83).

Além disso, o praticante do Vodou sempre acreditou que as forças de suas divindades, chamadas *Lwa* (espíritos), que estão sempre presentes na natureza. Como forma de agradecimento são realizadas oferendas, que selam a fidelidade, a proteção e a comunhão com os *Lwa* e a natureza que os representa. A prática do Vodou representa assim, a busca da perfeita harmonia com a natureza. Todos os elementos utilizados nos rituais vodous são biodegradáveis, com fácil absorção pela natureza. Nas oferendas, no lugar do uso de plásticos ou vidros como recipientes, são utilizadas cabaças, instrumentos de bambu, cujas de coco, todos materiais biodegradáveis, cuja absorção pela natureza deve ocorrer no menor espaço de tempo, propiciando um ambiente menos poluído.

De acordo com o Hurbon (1987), é preciso distinguir vários aspectos dentro da cerimônia de Vodou. Por exemplo, o *manzè marasa*, é uma espécie de banquete em homenagem aos gêmeos; o *pou dèfen yo* [para os defuntos], banquetes dos mortos – em homenagem aos mortos e o *manzè Jam*, no qual se oferecem as primeiras colheitas. Na visão do autor, são cerimônias cujos objetivos são homenagear os *Lwa*, a fim de obter proteção durante todo ano. Muitos adeptos consideram essa prática um dever da família.

Este fator da sacralização da natureza, como fizeram sempre os ancestrais, é muito importante. Querendo

ver sempre as áreas verdes, os rios, o mar, as praias, os lagos, os arroios devidamente limpos, essa consciência ecológica faz parte das práticas religiosas do Vodou. Por isso, nenhum adepto gostaria de oferecer suas oferendas às entidades, ou celebrar seu culto em um lugar poluído, sujo e repleto de dejetos. Diante disso, os adeptos do Vodou têm sempre a consciência de que a natureza é sagrada; sendo sagrada, deve ser preservada e bem cuidada.

## 6 A dimensão social do Vodou: o *Kombit*

Importa, ainda, mencionar outro elemento de recordação da herança africana no Vodou haitiano:

[...] É o trabalho comunitário chamado *Kumbit*, que é continuação do *Dokpwe* de Daomé. Ele pode assumir diversas formas (ronda, associação, corbéia) Mas o *Kumbit*, propriamente dito, consiste numa associação de camponeses que decidem trabalhar coletivamente num campo em benefício de um único proprietário, com refeição, danças e música. É um verdadeiro sistema de presente e contrapresente: ele obriga seus membros a trabalhar uns pelos outros. Se alguém adoecer, seu campo será cultivado. Mas o *Kumbite* não tem só apenas a função econômica: é ocasião de manifestação de amizade, emulação, recreação, prazer. É, ao mesmo tempo, sociedade extremamente estruturada com chefes graduados, orquestra etc., uma série de coisas que despertam o entusiasmo e a alegria do camponês (HURBON, 1987, p.74).

O que é *Kombit*? *Kombit*, assim chama-se no Haiti, é um sistema de interação baseada na partilha e não vender. No sistema de *Kombit*, não há nenhuma relação que envolva a circulação de dinheiro. A economia do Haiti, majoritariamente baseada na agricultura faz uso da comunidade para desempenhar várias funções. Em um *Kombit*, a comunidade se reúne para planejar a safra, colhê-la, cujo o produto é normalmente partilhado entre os membros da comunidade.

O *Kombit* típico é organizado da seguinte forma: quando é hora de plantar, o proprietário da plantação escolhe um dia e anuncia o evento, convidando quantas pessoas ele irá precisar para a realização do trabalho neste dia. As funções são separadas e combinadas de acordo com o sexo e a habilidade de cada um. Os homens, geralmente desempenham as funções de cavar buracos enquanto as mulheres e crianças se preocupam em plantar o feijão ou o milho. O plantio é acompanhado por cantorias e tambores, pano de fundo típico do Vodou para manter o ânimo

das pessoas durante a jornada de trabalho. Finalmente, as pessoas também são servidas com café, almoço e janta.

Uma coisa muito boa na cultura haitiana: o *Kombit* estimula a autossuficiência. Os agricultores muitas vezes trocam seus produtos, em vez de vendê-los e, geralmente, consomem o que está disponível na área. Este tipo de atividade econômica não incentiva a exportação. É fundamental para o sistema agro-florestal para um país como o Haiti, seriamente devastado em seu meio ambiente (SILIÉ, 1998). O importante é incentivar os camponeses a permanecerem no campo, e promover cada vez mais o sistema agro-ecológico militante e mostrar sua importância para o desenvolvimento social e econômico do país.

Sem dúvida, revela-se fundamental a prática do *Kumbit* na cultura haitiana; contudo é importante ressaltarmos que não são todas as classes da sociedade haitiana que usam essa prática. Na realidade, estamos em frente a dois mundos separados. É espantosa a coexistência dos dois mundos, um vivendo ao lado ou à custa do outro: a população urbana é minoritária e a rural majoritária. De um lado, o mundo urbano vive com os valores embasados na cultura européia, e o mundo rural, formado pelos camponeses, com seu *kreyòl* pertencente à cultura “mítica” da África (CASIMIR, 2006). Estes são os principais fornecedores que abastecem as grandes cidades com seus produtos alimentícios (HURBON, 1987).

## 7 Considerações finais

Consideramos fundamental fazer uma releitura desses processos culturais que permanecem vivos e decodificam o mundo à sua maneira por meio de símbolos. Cabe lembrar que a exploração e a violência vivida pelos negros originários de vários grupos étnicos da África no período de colonização no Haiti, por mais violenta e bárbara que tenha sido todo este processo, não podem continuar a serem vistos como coisas (embora tenham sido *coisificados* pela escravidão). Ao contrário, desde o início da devastação colonial, foram sujeitos capazes de organizar simbolicamente os novos elementos impostos pelo sistema escravocrata. Nessa luta pela sobrevivência como seres humanos, o Vodou foi fundamental para superar todo aquele sofrimento imposto pelo colonizador.

Para Hurbon (1987) o Vodou, como religião e cultura por excelência das classes populares no país, ele é

visto como alguma coisa de superstição primitiva ao mesmo tempo em que seus simpatizantes são oprimidos pelas classes dominantes. É importante salientar que o Vodou, predominante nas comunidades rurais no Haiti, muitas vezes é taxado como a causa de atraso do país por aqueles que quiseram transfundir nas veias dos moradores dessas comunidades uma missão civilizadora via catolicismo e protestantismo, as quais sempre defenderam que essa seria a única maneira pela qual o povo haitiano poderia se tornar “desenvolvido”, “moderno” e “civilizado”.

Assim sendo, todos os problemas sociais como pobreza, doenças, falta de acesso à tecnologia, entre outros, parecem ser a expressão de que há uma ausência de Deus [branco] e presença dos demônios [brancos] na vida daqueles que enfrentam esse tipo de situação no Haiti.

Uma catarata de perguntas não quer calar: Será que o subdesenvolvimento do camponês não seria o resultado da exploração secular e da violência imposta por parte das classes dominantes haitianas? Será que é simplesmente fruto de mentalidade supersticiosa? O que seria uma mentalidade supersticiosa e como realizar a revolução simbólica para discutir o valor negativo destas expressões (BOURDIEU, 1985) Será que o sistema capitalista, de uma forma ou outra, não é uma “espécie de mentalidade supersticiosa” que o mundo moderno acreditou e que não deu certo? São os ugã e os bòkò [Sacerdote do Vodou], os feiticeiros e os espíritos que fazem sofrer o camponês haitiano? Não seriam as grandes multinacionais estrangeiras, as grandes fábricas e empresas norte-americanas, os grandes proprietários, o Estado, os grandes senhores, os altos funcionários que são as verdadeiras causas desse atraso do Haiti?

Compete lembrar que sendo o Vodou uma religião completamente diferente do cristianismo e das demais religiões que se encontram no Haiti, não é justo que esteja sendo colocado como responsável por diversos problemas existentes no país e no cotidiano do povo haitiano, sob a crença e a justificativa de que seus adeptos ou praticantes estão longe dos caminhos de Deus [branco] e por isso, vivenciam tantas dificuldades e misérias. Pode-se chamar esse processo de alienação do povo frente às verdadeiras causas das contradições sociais, econômicas e políticas. Assim, é muito fácil culpar o Vodou por um problema do qual ele não é o determinante, mas sim, as relações de exploração, a colonização européia e a norte-americana, tanto no passado como nos dias atuais, com

a suposta recolonização do país em nome da “ajuda humanitária”.

É por isso que, qualquer que seja o problema com que o povo haitiano se depare, seja ele de ordem natural (o terremoto que devastou o país em 2010), social ou econômico, é sempre visto pelas demais religiões que se encontram no Haiti como “um problema causado pelo Vodou”. Também podemos observar algumas variações deste preconceito em outros países em que diversos problemas são atribuídos às religiões de matriz africana, por exemplo, no Brasil, Cuba, República Dominicana, entre outros.

Não seria contraditório afirmar que a religião Vodou foi o elemento crucial para a libertação do país, que continua vivo até os dias de hoje na cultura haitiana e, ao mesmo tempo, dizer que esse novo poder, composto por aqueles que fizeram parte da revolução, repudiou, após a independência, a prática dessa crença religiosa, assim como também parte da população.

Uma explicação possível para compreender esta complexidade aponta para o fato de a sociedade haitiana, antes e depois da independência, encontrar-se diante um verdadeiro paradoxo: a experiência de ter uma consciência da necessidade de libertação frente à violência colonial (o que Frantz Fanon explica muito bem na sua obra *Os Condenados da Terra* (2005), o que fez com que houvesse uma libertação física, material, mas não da ideologia ou cosmovisão a que os escravos estavam submetidos e que inferiorizava seus valores culturais em detrimento da supervalorização da cultura ocidental.

Assim, na visão de Fanon (2005), a sociedade a que pertence o colonizado é uma sociedade sem valores. O mundo do colono é um mundo oposto, mas ao mesmo tempo, invejável; eis o verdadeiro significado da razão do porquê o sujeito colonizado sempre haver desejado ocupar o lugar do colonizador. Não para tornar-se um colonizador (ainda que muitas vezes isto tenha acontecido empiricamente), mas, para poder substituí-lo. Desta forma, Fanon destaca que “a descolonização unifica esse mundo, retirando-lhe, por uma decisão radical, a sua heterogeneidade, unificando-o sobre a base da nação, algumas vezes da raça” (FANON, 2005, p.62).

Sendo percebido o Vodou uma “religião dos colonizados”, ele foi “reprimido” e substituído pela religião oficial dos colonizados, como aconteceu em outros processos colonizadores.

Longe de encerrar este debate com os aspectos que foram abordados ou mencionados a respeito do Vodou no universo simbólico da cultura do povo haitiano, pretendemos apenas abrir o debate acerca da relação entre a cultura oprimida e as relações de poder nas Américas, a partir de elementos ritualísticos que compõem a essência do Vodou no Haiti.

### Referências

- APPIAH, K. A. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ARISTÓTELES. *The Art of Rhetoric*. London: William Heinemann, 1947.
- BARTH, Fredrik (Org.). *Ethnic Groups and Boundaries: the social organization of Culture Difference*. Bergen/ Oslo: Universitets Forlaget, 1969.
- BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. São Paulo: Difel, 1985.
- BLANC, Anthony. *Rekonstriksyon : la pratique clinique médiée en situation de post-urgence*. Haiti: Port- au-Prince, 2010 (mimeo).
- CASIMIR, Jean. *La culture Opprimée : Port-au-Prince*. Haiti: Media-Texte Fokal, 2006
- CASIMIR, Jean. O Haiti e suas elites : o interminável diálogo de surdos. *Revista universitas : relações internacionais*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2012.
- DIAMOND, J. *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou sucesso*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. Dirigido por Robert Audi. São Paulo: Paulus, 2006.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008.
- FANON, F. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- FANON, F. *Sociologie d'une révolution*. Paris: François Maspero, 1966.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- HURBON, L. *El bárbaro imaginário*. México: Fondo de Cultura Económico, 1993
- HURBON, L. *O Deus da resistência negra: o vodou haitiano*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1994.
- MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Centauro, 2005.
- SILIÉ, Rubén. *República Dominicana y Haití hacia el futuro*. Santo Domingo, RD: Flacso, 1998.
- TAUSSIG, Michael. *Mimesis and Alterity: a particular history of the senses*. New York: Routledge, 1993

**Para publicar na revista  
Universitas Relações Internacionais,  
entre no endereço eletrônico [www.publicacoesacademicas.uniceub.br](http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br).  
Observe as normas de publicação, facilitando e agilizando o trabalho de edição.**